

**O PODER COMPETITIVO DA INDÚSTRIA TÊXTIL CEARENSE
NO CONTEXTO NORDESTINO E BRASILEIRO**

Antônio Lisboa Teles da Rosa

*Doutor em Economia pelo PIMES-Universidade Federal de Pernambuco
e Professor Adjunto do Curso de Mestrado em Economia (CAEN),
da Universidade Federal do Ceará (UFC)*

Maria Cristina Pereira de Melo

*Doutora em Economia pela Universidade de Paris VIII (França)
e Professora Adjunta do Curso de Mestrado em Economia (CAEN), da UFC.*

Resumo: *Este artigo resume os resultados de uma pesquisa sobre a indústria têxtil cearense, buscando avaliar o seu atual poder competitivo, assim como as perspectivas para os próximos anos. A análise foi realizada através da utilização de estatísticas oficiais disponíveis, aplicação de questionário e entrevistas com dirigentes de algumas empresas selecionadas. A partir deste procedimento, apresenta-se um quadro que retrata a situação recente do setor, principalmente no que diz respeito a condições técnicas de produção, recursos humanos, aspectos financeiros e comerciais, assim como as suas fragilidades e possibilidades de consolidação.*

Palavras-chave: *Indústria Têxtil; Competitividade Industrial; Brasil-Região Nordeste-Ceará.*

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo é apresentada a síntese de uma pesquisa mais ampla (ROSA; MELO, 1994)⁽¹⁴⁾ que objetivou avaliar a competitividade da indústria têxtil cearense, visando detectar possíveis entraves e suas respectivas causas, assim como apresentar alternativas e subsídios para decisões de políticas econômicas que contribuam para a consolidação do setor, através de sua modernização, diversificação e melhoria da qualidade dos produtos, adequação dos recursos humanos e participação no mercado nacional e internacional.

Um primeiro passo dado para atender ao objetivo proposto foi entender o termo competitividade, o que não é tarefa das mais fáceis, isto porque essa palavra é por demais abrangente e envolve uma série de fatores que, interligados, se refletem no que o próprio termo poderá vir a traduzir.

Em primeiro lugar, ao se analisar a competitividade, pode-se direcionar a questão para o enfoque microeconômico ou macroeconômico, o que leva a dimensões distintas de discussões, embora ambos os enfoques não possam deixar de estar associados numa análise dinâmica.

No Brasil, o debate sobre o tema deve-se ao esgotamento do modelo de industrialização substitutivo de importações comandado pelo Estado, exigindo-se grandes mudanças estruturais, tendo em vista a retomada do crescimento. Todavia, as vantagens competitivas requerem tempo para serem construídas. Dependem da acumulação paulatina de experiência e da qualificação de recursos humanos da empresa. Além do aprendizado cumulativo, é indispensável uma base mínima de capacitação técnica para implementar as estratégias adotadas (IEDI, 1992, p.19)⁽⁸⁾.

Nesse contexto, a mensuração da competitividade não é tarefa das mais simples, exigindo desde análises econômicas globais até estudos de caso. Em geral, a análise da competitividade enfoca a comparação das empresas líderes com o total da indústria. Esta comparação, associada a vários indicadores, permite avaliar a heterogeneidade intra-industrial e qualificar a competitividade em termos de:

- a) indústrias homogeneamente competitivas;
- b) empresas competitivas em indústrias heterogêneas;
- c) indústrias não competitivas (HAGUENAUER, 1989, p. 250)⁽⁶⁾.

A pesquisa procurou seguir este enfoque comparativo.

Diante do exposto, a competitividade da indústria têxtil cearense é aqui entendida como a capacidade, real ou potencial, de o setor manter ou expandir sua participação nos mercados nacional e internacional, além de promover, simultaneamente, a melhoria da qualidade e da produtividade.

Partindo dessa noção, uma das primeiras ações desenvolvidas em pesquisas sobre o tema é a identificação de algumas fontes geradoras de competitividade. No estudo em discussão, foram consideradas:

- a) pesquisa e desenvolvimento;
- b) recursos humanos;
- c) economias de escala;
- d) diversificação da produção;
- e) qualidade do produto e da matéria-prima;
- f) verticalização;
- g) condições técnicas de produção.

Estes fatores podem levar a empresa a vantagens competitivas no mercado em que atua.

Para atender aos objetivos da pesquisa, referido estudo envolveu duas etapas básicas:

- a) levantamento de dados secundários que possibilitaram uma análise mais global do setor;
- b) aplicação de questionário e entrevista junto às empresas, objetivando diagnosticar a situação da indústria têxtil cearense, explorando, na medida do possível, os diversos aspectos envolvidos na dinâmica da competitividade.

O critério adotado para a escolha das empresas a serem pesquisadas foi a inclusão do total de unidades produtivas têxteis do Estado, associadas ou não ao Sindicato Patronal do setor, e que, conforme o Cadastro Industrial do Ceará, classificam-se a partir da faixa III, ou seja, empresas com 100 ou mais empregados. Sendo assim, foram selecionados 15 (quinze) empresas: 11 do segmento **Fiação** e 4 do segmento **Fiação e tecelagem**.

Contudo, no processo de desenvolvimento da pesquisa de campo, algumas empresas preferiram se omitir, uma vez que consideraram sigilosas e estratégicas as informações solicitadas.

Esse procedimento é até compreensível, tendo em conta que o setor passa por intensa fase de reestruturação, verificando-se fusões e possibilidades de entrada de novas empresas de significativo porte no Estado. Portanto, mesmo se tratando de pesquisa de responsabilidade da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), a reação de alguns empresários foi de cautela e receio de que se tornassem de conhecimento público -e/ou de seus concorrentes - as particularidades de suas unidades produtivas.

Em razão do exposto, a determinação do tamanho da amostra sofreu uma restrição tal que levou à participação de apenas 8 empresas, das quais 6 trabalham com fiação e 2 com fiação e tecelagem, correspondendo a 54,55% e 50%, respectivamente, do total existente. Vale salientar que este fato implicou em algumas limitações dos resultados da pesquisa, muito embora tenha possibilitado um quadro referencial significativo sobre a questão da competitividade do setor.

2. CARACTERIZAÇÃO GERAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL CEARENSE

2.1. ANTECEDENTES

Inserindo a indústria têxtil cearense na conjuntura econômica das décadas de 70 e 80, pode-se afirmar que seu comportamento, no geral, reflete as tendências mais amplas do setor têxtil nacional e nordestino, mas com algumas especificidades que devem ser ressaltadas.

As estatísticas relativas às duas décadas citadas demonstram que a indústria têxtil cearense apresenta comportamento bastante auspicioso, uma vez que os indicadores utilizados evoluem a níveis significativos. Os dados do Censo Industrial revelam que a evolução do setor no Ceará foi mais expressiva do que no Nordeste e no Brasil. Isto vem a indicar que o impacto do programa de modernização e expansão do setor foi melhor sentido no Ceará.

Em termos mais amplos, percebe-se que durante a década de 70 o Valor da Transformação Industrial (VTI) têxtil cearense cresceu a uma taxa de 751,62%; portanto, a um nível bem superior ao do Brasil (351,13%) e ao do Nordeste (517,7%) no mesmo período. Já na primeira metade da década de 80, sua taxa de crescimento se reduziu, embora continuasse positiva (20,15%). Considerando o quadro nacional e regional de desaquecimento da economia*, pode-se afirmar que no Estado, apesar da crise dos anos 80, a indústria têxtil cearense vem reagindo de forma satisfatória.

Uma argumentação que pode consubstanciar a explicação do fenômeno acima refere-se aos projetos têxteis para indústrias cearenses, financiados por recursos do FINOR, durante esse período. Informações do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste do Banco do Nordeste do Brasil (BNB/ETENE) demonstram que em relação ao total de recursos liberados para a indústria nordestina, em torno de 15% destinavam-se ao setor têxtil, o qual apresenta nítidas características de concentração no Ceará, que vem absorvendo parcelas significativas e crescentes dos recursos, chegando, a partir de 1983, a se apropriar de 50% do total dos recursos liberados para a indústria têxtil da Região Nordeste.

Esse é mais um indicador da conduta empresarial, a qual tem dado sinais claros de privilegiar os investimentos têxteis cearenses.

Em resumo, o setor têxtil cearense vem crescendo mais do que o nordestino. Tal tendência fica mais evidente quando se olha para a crescente proporção de absorção dos recursos do FINOR. Neste caso, é de se entender que existem fatores locais que diferenciam a conduta empresarial, quando da escolha da localização para investir, nesse setor. Provavelmente, a tradição de Estado produtor de algodão (que se encontra em fase de decadência)** e a maior disponibilidade de mão-de-obra podem ter sinalizado para a maior atratividade do Estado. Saliente-se que esta maior atratividade trouxe para o Ceará uma significativa parcela dos investimentos que representavam uma expansão de capitais nacionais sediados fora do próprio Nordeste, o que demonstra mais uma vez que o Estado apresenta maior dinamismo no setor do que os demais da Região***.

* No período 80-85 o VTI do setor têxtil se reduziu em 6,76% para o Brasil e se elevou em 8,9% para o Nordeste, enquanto no Ceará cresceu a uma taxa de 20,15%.

** Para uma análise mais aprofundada ver CARLEIAL; ROLIM (1991)(2).

*** Não se deve ignorar que a indústria têxtil cearense, além da atratividade que exerce sobre o capital extra-regional, também é formada por uma expressiva participação de capital local. A respeito, ver SUDENE; BNB (1991)(15).

2.2. DESEMPENHO RECENTE

Um dos indicadores mais simples e imediatos para se vislumbrar o desempenho de uma indústria é a sua produtividade, a qual pode ser entendida como o produto por unidade de recursos utilizados. Em virtude das dificuldades de informações, em geral, simplifica-se o indicador para o produto por trabalhador, daqui por diante denominado simplesmente de produtividade. Admite-se que este indicador traz implicitamente a questão tecnológica subjacente à respectiva indústria (ROSA, 1992), questão essa que está associada à qualidade e modernidade dos equipamentos utilizados. Ou seja, equipamentos mais modernos e de melhor qualidade proporcionam maior produtividade, chegando, inclusive, este a ser considerado um dos indicadores de competitividade. Sendo assim, na comparação entre indústrias, as unidades produtivas que apresentarem maior produtividade serão as mais competitivas. Nessa perspectiva, pode-se observar o comportamento da produtividade da indústria têxtil cearense e compará-la com a brasileira e a nordestina.

As evidências (Censo Industrial da FIBGE), sobre o comportamento dos níveis de produtividade do Brasil e do Ceará, mostram que em 1970 a produtividade da indústria têxtil cearense foi quase igual à brasileira (alcançou a cifra de 101,53% desta) - o que denota o êxito do programa de modernização do setor - evoluindo de forma satisfatória, chegando a equiparar-se e até a superar a nacional em 8,45%, em 1985. Ora, considerando o argumento anterior, pode-se perfeitamente aceitar que, a partir do início dos anos 70, a indústria têxtil do Estado foi ganhando posição no cenário nacional, sendo acompanhada por uma ação modernizadora que possibilitou a recuperação de sua vantagem competitiva, chegando, inclusive, a ultrapassar o padrão tecnológico nacional médio.

Deve-se alertar que este resultado ainda não é suficiente para o setor se descuidar do processo de absorção de novas tecnologias, uma vez que a entrada de novas empresas ou a ampliação das existentes tende a ocorrer com a introdução de equipamentos de safras mais recentes, os quais são mais eficientes e tornam a indústria mais competitiva. Neste caso, se porventura a indústria têxtil crescer mais rapidamente em outras regiões, poderá o Ceará perder seu poder competitivo e voltar a se tornar defasado tecnologicamente, o que se refletirá em uma redução relativa da produtividade.

Ademais, observa-se que no período 70/80, época de bom desempenho da economia nacional, as indústrias têxteis brasileira e cearense vinham

crescendo satisfatoriamente. Todavia, no primeiro quinquênio da década de 80, evidenciou-se uma diferenciação de comportamento da produtividade: decrescendo a do País 7,75% e crescendo a do Estado 5,8% (ROSA: MELO, 1994)(14).

Uma outra face do comportamento da produtividade é a evolução dos salários e do tamanho dos estabelecimentos. Ora, unidades produtivas que pagam, em média, maiores salários e apresentam maior escala de produção são, em geral, exatamente aquelas mais produtivas.

No que diz respeito ao tamanho, observa-se a superioridade da média nacional em 1970, pois o tamanho médio da indústria têxtil cearense, medido pelo VTI por estabelecimento, ficava em torno de 49,89% do brasileiro. No entanto, a diferença foi-se reduzindo, chegando a média do Estado até a superar a média nacional em 1985, ano em que a proporção em questão situou-se em 151,99%.

Quanto aos salários médios pagos no setor, observa-se que continuam defasados: as estatísticas oficiais (FIBGE: Censo Industrial) indicam que o salário médio da indústria têxtil cearense correspondia a 56,45% do mesmo salário a nível nacional, em 1970, evoluindo para 59,19%, em 1985. Este fenômeno deve estar relacionado às particularidades do mercado de trabalho cearense, o qual apresenta um nível de desemprego proporcionalmente maior que o do País, tornando o salário médio, não só no setor têxtil, mas em toda a indústria, menor que o do Brasil como um todo, mesmo com a aproximação da produtividade média e a superação do tamanho médio.

Esta aproximação da produtividade e tamanho, sem o correspondente aumento dos salários, indica que a abundância de mão-de-obra torna o setor têxtil cearense mais rentável que o brasileiro. Ou seja, ao melhorar a tecnologia do setor no Ceará, seu rebatimento em um aumento da produtividade maior que o dos salários implica que o lucro cresce mais no Ceará que no País*. Uma forma de ver a questão é pelo comportamento da participação da folha salarial no produto. As informações disponíveis (FIBGE: Censo Industrial) demonstram que, em 1970, 14,7% do produto têxtil cearense se desti-

* Vale salientar que, no caso em estudo, a expansão da produtividade e do tamanho está diretamente relacionada com as mudanças tecnológicas que, conforme será abordado posteriormente, possibilitam a simplificação das tarefas e a manutenção ou redução dos custos com mão-de-obra, o que se reveste em maior rentabilidade para a empresa.

navam a pagar os trabalhadores, vindo o restante a representar a remuneração do capital, pagamento de impostos, encargos, etc., enquanto no Brasil esta proporção era de 26,47%; ou seja, a parcela salarial era menor no Ceará que no País. No entanto, verifica-se que no Ceará, em 1985, apenas 8,64% do produto destinavam-se a remunerar os trabalhadores, contra 15,83% no Brasil. Associando-se isto ao comportamento dos índices de salário vistos anteriormente, dispõe-se de mais um indicador de que a modernização da indústria proporciona aumento salarial e, mesmo assim, torna-a mais rentável (e competitiva).

Na tentativa de extrair mais alguns elementos analíticos sobre o caso em questão, a indústria têxtil foi desagregada, segundo a classificação da FIBGE, a 3 e 4 dígitos, a fim de que se percebam as peculiaridades do Ceará em relação ao Brasil. Com este procedimento, percebe-se que a nível nacional, em 1970, o segmento **Fiação e tecelagem** detinha uma expressiva participação (60,89% do pessoal ocupado e 56,45% do VTI da indústria têxtil como um todo), vindo esta proporção a crescer mais ainda até 1985 (72,38% do pessoal ocupado e 71,30% do VTI). Este é um indicador de que, no País, o maior dinamismo da indústria têxtil está no segmento de fiação e tecelagem. Detalhando um pouco mais, nota-se que **Fiação e tecelagem em algodão, a partir de fibras artificiais** vem ganhando destaque.

No caso do Ceará, constata-se que o segmento **Beneficiamento de fibras têxteis** detinha uma significativa cifra de 63,39% do VTI do setor têxtil, em 1970. No entanto, é notória a sua perda de posição (28,31% em 1985), enquanto **Fiação e tecelagem** evoluiu de 23,20% do VTI, em 1970, para 68,63%, em 1985.

Observe-se que o segmento **Beneficiamento de fibras têxteis**, no caso do Ceará, é fortemente marcado pelas atividades de processamento e beneficiamento do algodão, sem grandes transformações do produto. Como o setor algodoeiro do Estado passou por uma grave crise nos últimos anos*, encontra-se em fase de desaquecimento, com possível desativação de inúmeras usinas de beneficiamento do algodão, o que deve ter contribuído para a formação do quadro delineado.

* Entre as principais causas desse problema estão as longas estiagens, a praga do bicudo e a falta de uma política de fortalecimento do setor, que se rebatem na baixa produtividade; estes fatores induziram a substituição do cultivo do algodão por outros produtos (CARLEIAL; ROLIM, 1991)⁽²⁾.

Sendo assim, pelo menos um problema vem afetar o segmento **Fiação e tecelagem** do Ceará: a falta de matéria-prima de origem local. A forma de contornar tal dificuldade tem sido a importação de fibra de algodão de outros estados e do exterior, e a expansão mais acentuada da fiação e tecelagem que empregue fibras artificiais. Corroborando isso, as estatísticas evidenciam que em 1970 predominava a fiação e tecelagem em algodão; posteriormente veio o segmento que utiliza fibras artificiais. É nesta nova base que se situa a indústria têxtil cearense.

Quanto à produtividade, observa-se sua relação direta com o crescimento do produto, pois a produtividade do segmento de fiação e tecelagem cresceu mais do que os demais segmentos, para o Brasil e para o Ceará.

Por esses argumentos, percebe-se que no setor têxtil cearense, o segmento que mais cresceu foi o de **Fiação e tecelagem**, cabendo destaque para o grupo que utiliza fibras artificiais. No caso deste último grupo, constata-se que é ali onde se encontra maior produtividade, salários mais elevados e menor parcela salarial, o que vem a indicar que o mesmo dispõe de processos de produção que lhe permite um melhor desempenho financeiro. Isto vem ao encontro das motivações empresariais a investir e justifica o porquê da maior atualidade tecnológica do setor têxtil cearense, notadamente em fiação e tecelagem, em relação ao Nordeste, e da sua aproximação e até superação do nível médio nacional.

Com relação às exportações do Nordeste e do Ceará, observando as estatísticas fornecidas pela PROMEXPORT-CE, constata-se que, durante a década de 80 (década perdida), os anos intermediários (84/86) caracterizaram-se por relativa estabilidade econômica e é exatamente nesses anos que o comportamento das exportações, tanto a nível regional como estadual, apresenta substancial queda (US\$ 31,386 milhões em 1984 para US\$ 18,831 milhões em 85 e US\$ 12,774 milhões em 86). Já nos anos de acentuação da crise, observa-se um crescimento das vendas para o exterior. Isto denota um comportamento anticíclico dessas exportações cearenses e nordestinas, bem ao estilo do comportamento das exportações têxteis brasileiras, conforme ressalta HAGUENAUER (1990, p. 39-50)⁽⁷⁾.

Ademais, as estatísticas fornecidas pela PROMEXPORT-CE demonstram que o Ceará tem como principal mercado absorvedor de seus produtos têxteis parte dos países da OCDE. Ora, as exportações têxteis cearenses são, na grande maioria, de fios ou tecidos sem acabamento, os quais seguem, em

boa parte, para aqueles países do primeiro mundo, que produzem o tecido melhor, processado para o consumo interno ou para exportação. Infere-se, assim, que os produtos têxteis cearenses destinados ao mercado internacional em geral não passam por toda a cadeia produtiva de tecidos acabados, mas apenas por uma parcela do processo.

Através disso, já se pode perceber a fraca integração vertical do setor no Estado, carecendo o mesmo de mais investimento e modernização em tecelagem, notadamente em acabamento, a fim de que se tenha um setor tão competitivo quanto o dos países desenvolvidos.

Apesar do que foi identificado acima, percebe-se que o setor no Estado vem reagindo bem, haja vista o maior crescimento do produto e da produtividade, observado anteriormente. Adicionalmente, ressalta-se a importância das exportações têxteis cearenses, que representaram 47,95% das exportações nordestinas desse produto em 1991, ano em que o segmento de fios ocupou o 2º lugar na pauta de exportações do Estado.

Com base nessas evidências, se a indústria têxtil cearense não alcançou o que poderia ser considerado seu ponto ideal, ou seja, produzir nível de competitividade dos países do primeiro mundo, seu desempenho foi positivo e indicativo de que, pelo menos em comparação com o Nordeste e com o Brasil, é um setor que promete consolidar-se e dotar o Estado de um complexo que, caso venha a se integrar verticalmente com o setor de confecções, poderá dar bons frutos e saídas para a indústria cearense.

Considerando tudo o que foi discutido até o momento, cabe fazer uma análise mais detida sobre o segmento de Fiação e tecelagem, uma vez que é aí onde se concentra a indústria têxtil cearense e onde os investimentos e o desempenho financeiro têm sido mais promissores.

3. COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL CEARENSE: UMA AVALIAÇÃO

3.1. GRUPOS E VARIÁVEIS

Neste item, apresenta-se uma avaliação dos resultados da pesquisa de campo realizada, onde serão analisadas as principais variáveis envolvidas no

estudo. A análise pretende captar as relevantes características das unidades produtivas que compõem o setor têxtil cearense, particularmente no segmento **Fiação e tecelagem**.

Para identificar diferenças entre empresas, as unidades produtivas foram divididas em dois grupos:

- a) as maiores, formadas por aquelas cujo tamanho foi superior ao da média das empresas pesquisadas;
- b) as menores, formadas pelas de tamanho inferior àquela média.

Geralmente, o critério básico adotado para a definição de tamanho é o número de empregados. Este procedimento, por si só, seria por demais restrito, uma vez que o simples número de empregados não diferencia o grau de modernização das empresas. Objetivando contornar o problema, foram consideradas também variáveis tais como faturamento, capital social, capacidade instalada, produtividade e participação no mercado internacional.

O procedimento reveste-se de importância, uma vez que empresas maiores têm maior poder financeiro e de mercado, detêm conhecimentos mais refinados do estágio tecnológico do setor (em termos nacionais e internacionais), e podem até investir mais em equipamentos modernos (desenvolvidos no País ou no exterior). Portanto, têm maior poder de liderança e competitividade.

Como decorrência disso, constatou-se que 37,5% das empresas pesquisadas pertencem ao primeiro grupo (maiores) e 62,5% ao segundo (menores), o que não é de se estranhar, pois as empresas de porte superior são em menor número, mas em geral têm uma maior representatividade no mercado.

Feito esse agrupamento, foi possível comparar as maiores com as menores sob a ótica da produção, do mercado, da capacitação produtiva e tecnológica e dos recursos humanos, variáveis estas de grande relevância no estudo da competitividade.

3.2. PRODUÇÃO E MERCADO

O conjunto das empresas analisadas detém uma capacidade instalada para produzir 40.151,9 toneladas de fios/ano, variando de 1.920 t/a a 8.605,2 t/a, dependendo do porte da empresa. As tecelagens apresentam capacidade

para produzir aproximadamente 25 milhões de metros de tecidos/ano, seguindo as mesmas características no que se refere às disparidades na capacidade produtiva instalada, verificadas nas fiações. Este fato revela a presença de empresas com tamanho variado, e conseqüentemente com diferentes margens de lucro, operando no mesmo setor produtivo.

Destaca-se o fato de 100% das empresas observadas haverem funcionado, em média, nos últimos 5 anos, perto da plena capacidade (entre 90 e 100%). Assim, para contornar os problemas da capacidade ociosa não planejada, decorrentes da dificuldade de colocação do produto no mercado interno, em período de recessão, houve um processo de construção e consolidação de canais de exportação. No entanto, a possibilidade de expansão do mercado através das exportações, nessa indústria, só é atingida via atualização tecnológica, que permite melhoria no binômio qualidade/preço, elementos fundamentais na conquista do mercado externo. Esses aspectos podem ser constatados para as maiores empresas do Estado, que formam um grupo de destaque em relação às demais pelas características observadas, colocando-se em padrões competitivos internacionais.

Outro elemento a ser considerado no mecanismo concorrencial dessa indústria, presente nas observações feitas e que justifica o alto índice de utilização da capacidade instalada nos últimos 5 anos, é a especialização das unidades fabris na produção de determinados tipos de produto. Destacando-se, no caso da fiação, a produção de fios convencionais 100% algodão, de misto poliéster/algodão e de *open-end*, este último tipo com menor participação.

Assim, se o fraco desempenho da economia brasileira na década de 80 e a conseqüente queda no emprego e na renda, durante o período, não justificam a decisão de expandir a capacidade instalada nos últimos dez anos, observa-se que na indústria têxtil cearense não só houve expansão/modernização de certas unidades, como também a entrada de novas empresas, expandindo-se, por conseguinte, a capacidade total instalada dessa indústria.

Vale salientar que todas as empresas que compõem a amostra produzem fio convencional 100% algodão, e 50% delas fabricam fio misto poliéster/algodão. Ambos os tipos de fio são produzidos nos filatórios, nas formas cardado ou penteado, com diversas titulagens, destinados à produção de tecidos planos e malhas com especificações distintas.

As empresas consideradas maiores participam, em média, com 58% do total da produção do conjunto das empresas analisadas, no período 1985-1991, destacando-se a fabricação do fio convencional 100% algodão. Estas empre-

sas respondem, em média, nos anos 1985-1991, por 54,53% da produção de fio convencional 100% algodão, 63% de fio misto poliéster/algodão e 65,59% de fio open-end, do total do grupo analisado.

No que se refere ao destino da produção, os dados revelam que as regiões Sudeste e Sul do País constituem o principal mercado das empresas de fiação e tecelagem do Ceará, absorvendo, em 1991, um total de 18.561,28 toneladas de fios, cerca de 67% da produção total das empresas analisadas. A produção de fios por empresa, destinada ao mercado sulista, variou de 57% a 100%.

Nesse ano, uma quantidade igual a 5.674,73 toneladas de fios (20,58%) destinou-se ao mercado externo; cerca de 3.189,6 t (11,56%) foram comercializadas no mercado regional (estados da Região Nordeste, excluindo o Ceará) e apenas 153,05 t (0,55% do total de fios produzidos em 1991), correspondentes a 8,35% da produção de uma empresa de pequeno porte, destinavam-se ao mercado local.

As empresas de grande porte participaram, em 1991, com 71% da exportações de fios cearenses destinados à Região Centro-Sul do País, e 93% das vendas do Estado para o exterior. Por outro lado, constata-se que não há registro importante de vendas de fios para os mercados local e regional, por parte dessas grandes empresas. Com isto, percebe-se que as maiores empresas detêm maior fatia do mercado externo atendido pela indústria têxtil estadual, e não fazem parte de seus interesses os mercados nordestino e cearense, os quais ficam como área a ser atendida pelas empresas menores que se especializam na produção de artigos mais populares. Já os produtos mais elaborados, tais como o tecido acabado de melhor qualidade, são os que encontram as tecelagens do Sudeste e Sul do Brasil como os principais abastecedores do mercado consumidor nordestino e local.

Outro aspecto relevante é que somente as exportações das maiores empresas aumentaram nos últimos anos, fenômeno este combinado a fatores tais como:

- a) aumento da produtividade e melhoria da qualidade, devido à execução de projetos de expansão/modernização de plantas;
- b) isenção do ICMS sobre os produtos exportados;
- c) retração do mercado nacional.

Quanto ao mercado nacional, um dos motivos que levam quantidades substanciais de fios cearenses para as regiões Sudeste e Sul do País está no maior número de tecelagens instaladas nessas regiões, enquanto que esse número é muito reduzido na Região Nordeste e no Ceará. De fato, o parque têxtil cearense constitui apenas uma parte da cadeia produtiva têxtil, que se completa no Centro-Sul brasileiro.

Mesmo assim, um dos problemas constatados é que os produtos têxteis brasileiros, em especial os fios e tecidos de algodão, encontram restrições no mercado externo, tanto nos Estados Unidos como na Comunidade Econômica Européia, decorrentes do estabelecimento de quotas de importação e das exigências de manutenção e crescimento dessas quotas. As penalidades impostas pela subutilização das quotas obrigam as empresas de fiação e tecelagem a manterem um fluxo contínuo de exportações.

Assim, para manter ou aumentar a participação nos mercados nacional e internacional, os empresários reconhecem que os fatores internos das empresas - tais como o planejamento básico, o aprimoramento tecnológico, a eficiência na produção e uma boa articulação entre o planejamento, produção e *marketing* - são de fundamental importância. Todavia, eles admitem que a recuperação econômica e a existência de políticas voltadas para o setor seriam condições que também favoreceriam o escoamento dos produtos têxteis cearenses.

3.3. CAPACITAÇÃO PRODUTIVA E TECNOLÓGICA

Nesta seção, analisam-se indicadores que se refletem diretamente no poder competitivo das unidades produtivas. Serão examinadas questões relativas à matéria-prima, aos equipamentos e às técnicas organizacionais.

A matéria-prima (algodão) constitui-se no principal problema das empresas. A má qualidade e a escassez de oferta local são superadas, na medida em que a indústria importa de outros estados do Nordeste e/ou de outras regiões e mesmo do exterior (desta última procedência em menor proporção), o que possibilita às empresas o acesso a uma matéria-prima adequada para atender às exigências do mercado.

Assim, para garantir a qualidade da matéria-prima e o seu fornecimento regular, as empresas mantêm contratos de compra e venda com fornecedores

das regiões Sudeste e Sul do País ou do exterior, porquanto o algodão produzido no Ceará e nos demais estados do Nordeste apresenta baixa qualidade, não sendo, também, produzido em quantidade suficiente para fazer face às necessidades do setor.

Analisando os dados da pesquisa, observa-se que 50% das empresas comprem menos de 10% do algodão utilizado, no mercado local; 37,5% demandam entre 11 a 30% do que precisam, e 12,5% das empresas não se utilizam da oferta de algodão originário do Ceará.

Evidencia-se também que o abastecimento de algodão para as empresas de maior tamanho é efetuado, em maior proporção, por fornecedores de outras regiões do País, respondendo o Sul e o Sudeste por aproximadamente 80% do algodão consumido por esse grupo. O Nordeste, por sua vez, contribuiu com menos de 20% dessa matéria-prima e o exterior com percentual ainda menor*. Para essas empresas, o principal atributo para seleção dos fornecedores é a qualidade da matéria-prima, seguido pelo preço.

Outro ponto importante a ser analisado, quando se busca identificar as fontes de competitividade, diz respeito à atualização e idade dos equipamentos. Quanto aos equipamentos utilizados na produção, observa-se que a heterogeneidade tecnológica está presente entre as empresas analisadas e dentro de uma mesma planta industrial. De fato, a descontinuidade tecnológica do setor permite que, nas várias etapas do processo produtivo, sejam possíveis diversas combinações tecnológicas relativamente independentes entre si.

Depreende-se da pesquisa que grande maioria dos filatórios é a anel, apenas cerca de 2,0% dos equipamentos são a rotor, estes com idade variando de 3 a 15 anos. O conjunto mais recente, com menos de 5 anos, apresenta produtividade bastante superior (140 Kg/h) em relação ao mais envelhecido (58 Kg/h). Observa-se também que, em termos de fusos, 50% das empresas apresentam esses equipamentos com idade inferior a dez anos. Isto decorre do fato de 25% das empresas terem iniciado suas atividades a menos de 5 anos e outras terem passado por processo de modernização nos últimos dez anos.

De fato, cerca de 60% dos filatórios das empresas analisadas têm menos de 10 anos de idade, alguns apresentando, mesmo, idade inferior a 5 anos.

* Deve-se observar que ultimamente é crescente a participação de fornecedores internacionais de algodão para a indústria têxtil cearense, notadamente para as maiores empresas.

No caso da fiação, 64% das empresas dispõem de filatórios a rotor na faixa de 11 a 15 anos; enquanto isso, 36% dispõem dessas máquinas com idade inferior a 10 anos. Dos filatórios a anel, 49% das empresas dispõem desses equipamentos com menos de 10 anos, 38% na faixa de 11 a 15 anos e 12% das empresas têm essas máquinas com idade superior a 15 anos.

Em relação às tecelagens, os teares a jato de ar têm até 5 anos de idade; já os teares com lançadeira, para 83% das empresas, têm acima de 20 anos.

As empresas de maior tamanho dispõem de 50% do total de filatórios a anel instalados, dos quais a totalidade tem idade inferior a 15 anos e 38% apresentam até 5 anos de idade, enquanto que para o conjunto das empresas o percentual é de 28,3%.

Quanto aos filatórios a rotor, deve-se salientar que 73% dos instalados pertencem às maiores empresas. A presença desses filatórios reflete a possibilidade de produção de fios *open-end*, que utilizam técnicas específicas e mais modernas. As empresas, dessa forma, buscam diversificar a linha de produção para atingir novos mercados.

Um outro parâmetro importante a ser observado é a velocidade diversa de funcionamento dos equipamentos. Todavia, no contexto geral, as empresas que responderam ao quesito trabalham com equipamentos para fiação com velocidade superior à média brasileira.

Vale salientar que os filatórios a anel estão bem abaixo dos padrões internacionais de fronteira, na medida em que apresentam uma velocidade média (13.096 rpm) que corresponde ao limite inferior de velocidade apresentado por equipamentos de última geração (12.000 a 21.000 rpm). Já os filatórios *open-end*, que na fronteira apresentam 80.000 rpm no limite inferior, nos casos analisados apresentaram velocidade média no nível de 65.000 rpm. Estas médias denotam a heterogeneidade tecnológica do setor pesquisado, onde constata-se a presença de filatórios a rotor com velocidade de 100.000 rpm*.

* As comparações da velocidade dos equipamentos, estabelecidas entre os padrões internacionais e aqueles vigentes no Brasil e no Ceará, foram baseadas nos estudos: ATEM (1989, p. 109)⁽¹⁾, IPT (1988, p. 50-2)⁽⁹⁾ e ROSA; MELO (1994, p. 91)⁽¹⁴⁾.

Nas cardas, a média de velocidade para o Ceará (142,9 rpm) está bem acima da nacional (65 rpm); no entanto, muito distante dos padrões internacionais (IPT, 1988, p. 51)⁽⁹⁾. Ressalte-se, ainda, que a velocidade média da maçarqueira na indústria têxtil cearense (1.083,3 rpm) aproxima-se dos níveis nacional e internacional.

Nas tecelagens, a média nacional de velocidade das urdideiras (800 m/min) corresponde à média de fronteira; elas produzem a uma velocidade cerca de 2 vezes mais rápida que as das empresas analisadas (450 m/min). Os teares com lançadeira, por sua vez, estão na média nacional (180 bat./min) e os sem lançadeira abaixo daquele parâmetro (500 bat./min, enquanto a média nacional é de 700 bat./min).

Quando se observam as empresas de maior porte, constata-se que seus equipamentos são dotados de velocidade média superior à do conjunto analisado nas cardas, nas maçarqueiras e nos filatórios a anel e a rotor. Velocidades maiores expressam níveis de produtividade da máquina superiores, associados a equipamentos de geração tecnológica mais recente, importante elemento para reforçar o poder competitivo da empresa.

Tendo analisado variáveis tais como velocidade e idade dos equipamentos, é importante destacar como se comporta a difusão da automação industrial de base microeletrônica, para melhor explicar o desempenho do grupo de empresas analisadas nos respectivos mercados em que atuam.

As empresas maiores são as que apresentam maior percentual de difusão de dispositivos microeletrônicos nas diversas seções da empresa. Na produção, essas empresas dispõem, em média, de 81% das atividades apoiadas e/ou controladas por tais dispositivos. Há empresas, nesse grupo, que lançam mão dos citados dispositivos em intensidade alta, tanto na seção de projeto/programação, quanto nas atividades administrativas. Sem dúvida, esses mecanismos são elementos indispensáveis para a qualidade e produtividade, que vão definir o potencial competitivo da empresa a nível do mercado interno e externo.

A utilização de dispositivos microeletrônicos pela indústria têxtil cearense pode ser evidenciada, também, no trabalho de ATEM (1988, p. 140), onde se constata que o Ceará se destaca em termos do número de empresas que se utilizam dos citados dispositivos. De fato, o Ceará foi o Estado que

apresentou o maior índice de difusão*, o que pode ser explicado pelo fato de ter constituído o seu parque têxtil, onde predominam fiações há pouco tempo, na década de 70, com o incentivo da SUDENE/FINOR.

Ao considerar a proporção das máquinas e equipamentos dispondo de dispositivos microeletrônicos no total de máquinas da empresa, a mesma pesquisa reforça a situação de destaque do Ceará àquela época, seguido de Santa Catarina, Pernambuco e Minas Gerais.

Deve-se observar que as características dos equipamentos apresentados acima refletem-se diretamente na produtividade das empresas. Confirmando isto, constata-se que a produtividade média das fiações, em 1991, ficou em torno de 6,8 toneladas de fios por trabalhador; enquanto as maiores empresas alcançaram um índice de produtividade correspondente a 123% da média das unidades pesquisadas, as menores demonstraram um índice que correspondeu a 63% do registrado pela média.

Sabe-se que a indústria têxtil é absorvedora de tecnologia e que, se por um lado, esta se reflete em aumento de produtividade, redução de custo de mão-de-obra, energia, entre outros, por outro, a introdução das inovações eleva, consideravelmente, os custos iniciais e requer matéria-prima de qualidade superior.

Uma outra preocupação da pesquisa foi observar a introdução de novas técnicas organizacionais. A partir daí, identifica-se que o *just-in-time* interno, no que se refere à redução de estoques intermediários, é praticado por 62,5% das empresas analisadas, envolvendo mais de 75% das seções produtivas. No entanto, o *just-in-time* externo apresenta-se com dificuldade de implantação, tendo em vista o aspecto de sazonalidade da principal matéria-prima, a distância dos fornecedores e a falta de confiabilidade nestes últimos.

Quanto ao controle de qualidade, observa-se que todas as empresas utilizam método convencional de inspeção de produtos acabados, sendo que 50% das empresas aplicam os mais diferentes instrumentos, em todas as seções, através de equipe treinada, documentação necessária ao controle e aparelhos diversos.

* O índice de difusão representa a relação do número de empresas que possuem dispositivos microeletrônicos sobre o total das empresas.

É bom ressaltar que as maiores empresas praticam a qualidade total como meio de manutenção de seu poder competitivo, utilizando, para tanto, os mais variados instrumentos e documentação necessários para tal procedimento.

3.4. RECURSOS HUMANOS

De acordo com as informações obtidas, percebe-se que as maiores empresas representam 37,5% do número de unidades produtivas pesquisadas e concentram aproximadamente 59% dos trabalhadores do setor, contra 62,5% das empresas e 41% dos empregados, para as menores.

Para se ter uma melhor noção de magnitude, os dados da pesquisa revelaram que as empresas de maior porte possuem uma média de 1.138 empregados por empresa, o que contrasta com as menores, que empregam em média 476 trabalhadores, e com o total das empresas pesquisadas, que empregam uma média de 827 trabalhadores. Este já é, por si só, um indicador da diferenciação entre as empresas do setor têxtil cearense.

Detalhando um pouco mais a análise, observam-se diferenciações na estrutura de emprego, ressaltando-se que as maiores empresas empregam proporcionalmente mais trabalhadores não ligados à produção. Este resultado confirma a proposição de que as unidades produtivas maiores adotam técnicas que se ajustam à manutenção de uma proporção superior de tal categoria de trabalhadores em seus quadros, dado que os processos de produção e de trabalho adotados no setor são cada vez mais exigentes, no que diz respeito ao nível de planejamento e controle.

Uma outra análise efetuada foi quanto à estrutura de emprego de cada grupo em si. Os dados demonstram que a média das empresas pesquisadas apresenta uma maior proporção de empregados na categoria de operadores de máquinas e de auxiliares de produção. Estes representam a mão-de-obra que se encontra mais facilmente disponível no mercado, e são o grande contingente de trabalhadores pertencentes ao mercado secundário de trabalho*.

* Nos estudos sobre segmentação do mercado de trabalho, costuma-se classificar os trabalhadores em primários, formados por aqueles que, entre outras coisas, apresentam elevado custo de recrutamento, seleção, admissão e treinamento; e secundários, representados pelos que apresentam menor custo.

Uma outra diferença relevante é que as empresas menores mantêm em seus quadros de funcionários uma proporção de mestres, contramestres e operadores de máquinas com mais de 35 anos, faixa etária esta superior à das demais empresas. Isto caracteriza esse segmento como detentor de mão-de-obra de mais idade, fenômeno este que pode estar associado à sua tradição de empresa mais antiga no ramo, dotada de uma tecnologia mais "defasada", tecnologia esta mais exigente (em termos de conhecimento específico) e típica dos trabalhadores, que a adquirem com o tempo. Já as empresas de porte superior devem estar adotando técnicas que tornam menores as exigências de experiências de tais trabalhadores*.

Uma outra variável analisada foi o grau de instrução da mão-de-obra utilizada. No que diz respeito ao pessoal administrativo e de *staff* técnico, nota-se que as unidades produtivas consideradas concentram a mão-de-obra nos trabalhadores de formação média, respondendo aqueles com segundo grau (completo e incompleto) por uma cifra de 58,4%. Já os com primeiro grau (completo e incompleto) respondem por 19,4%, enquanto os com formação superior (completa e incompleta) atingem a cifra de 22,2%.

Na medida em que se considerem outros grupos, a concentração dos trabalhadores de formação média ou inferior vai se tornando mais nítida. Na categoria dos mestres e contramestres, os trabalhadores com segundo grau representam 48,9% e os com primeiro grau respondem por 44,1%, caindo o percentual dos com nível superior para 7,0%. Nessa categoria já aparecem trabalhadores que adquiriram sua formação através de cursos ou treinamentos formais, distintos da escolaridade tradicional (2,2%).

Já os operadores de máquinas, auxiliares de produção e trabalhadores de manutenção apresentam escolaridade média mais baixa ainda, sendo assim distribuídos:

- a) operadores: 86,9% com o primeiro grau;
- b) auxiliares: 84,5% com o primeiro grau;
- c) trabalhadores de manutenção, os quais apresentam distribuição que se aproxima dos mestres e contramestres: 70,6% com primeiro grau.

* Com isto não se está querendo descartar a necessidade de habilidade do trabalhador; apenas ressaltar que, no paradigma taylorista-fordista adotado, a tecnologia mais avançada acarreta a menor necessidade de experiência adquirida com o tempo, para a maior parte dos empregados.

Na categoria dos mestres e contramestres, as proposições lançadas anteriormente ficam mais evidentes. As maiores empresas detêm um contingente superior de trabalhadores de nível secundário e absorvem até trabalhadores de nível superior, em uma proporção mais significativa do que as empresas de menor dimensão.

Ora, associando esta informação à idade, podem-se fazer algumas inferências. Anteriormente, salientou-se que as menores empresas são as que mantêm em seus quadros uma menor proporção de trabalhadores jovens (18 a 35 anos). Isto é sintomático de que nestas empresas são valorizados os trabalhadores com experiência adquirida ao longo do tempo, o que é próprio do uso de tecnologias mais defasadas. Portanto, no setor em consideração, as empresas maiores empregam trabalhadores mais jovens, com menos anos de trabalho no ramo e com mais anos de escolaridade, o que é uma das características do uso de tecnologia mais moderna em uma linha seriada taylorista-fordista de produção; principalmente, considerando-se que a modernização do setor tende a trazer embutida nos equipamentos tarefas que antes eram desempenhadas pelos tecelões.

Uma outra das importantes variáveis de estudo é a remuneração dos trabalhadores. Esta foi uma variável que encontrou dificuldades de análise, uma vez que não foram todas as empresas que forneceram tais informações. No entanto, como elas forneceram a sua folha salarial total, foi possível estabelecer observações entre o salário médio total e por categoria, e fazer análise a partir das informações fornecidas, sem incorrer em erros muito gritantes.

Na comparação entre as empresas em análise, percebe-se que as maiores demonstram uma proporção inferior dos custos com mão-de-obra em relação às menores. O fenômeno pode ser em parte explicado pela tecnologia mais moderna, a qual acarreta a necessidade de um amplo contingente de trabalhadores sem grandes exigências de treinamento, o que possibilita o rebaixamento dos salários, notadamente dos que não compõem o *staff* técnico. Assim, as maiores empresas podem estar fortemente marcadas por uma estrutura de emprego bastante hierarquizada, a qual se manifesta em um leque salarial bem mais expressivo do que o das empresas menores. Uma forma de confirmar isto é através da observação de que o salário médio pago pelas empresas de porte superior é menor do que o salário médio das empresas de tamanho inferior*.

* Com isto, não se quer dizer que todos os trabalhadores das empresas maiores obtêm remuneração inferior aos das menores. É bem provável que um pequeno número de *trabalhadores estratégicos* para as maiores percebam remuneração superior aos correspondentes das menores; todavia, as diferenças entre as médias encontram-se nos níveis detectados.

Não se deve perder de vista que a posição denotada pelas empresas pesquisadas pode estar associada a dois fatores:

- a) os baixos salários pagos no mercado de trabalho cearense;
- b) o padrão tecnológico adotado no Estado, que melhorou sensivelmente nos últimos anos, o que deve ter reduzido proporcionalmente tais custos.

Um outro elemento importante que se relaciona ao fato constatado é o grau de sindicalização dos trabalhadores das unidades produtivas pesquisadas. As informações obtidas revelam que, na média, a indústria têxtil apresenta uma proporção de trabalhadores sindicalizados que não é muito expressiva (38,3%). Quando são considerados os grupos, percebe-se um outro elemento que reforça as constatações anteriores, qual seja: nas empresas maiores apenas cerca de 4,33% dos trabalhadores são sindicalizados, enquanto nas menores cerca de 63,3% o são, existindo casos em que a sindicalização alcança a cifra de 100%.

Esta última constatação é de grande relevância na explicação do fenômeno, pois as empresas de menor porte apresentam tecnologia mais defasada, o que lhes condiciona a manter em seus quadros trabalhadores com mais tempo de serviço no ramo, os quais mantêm uma maior relação intraclasses, traduzindo-se isto em um maior nível de sindicalização. Este tipo de situação força a uma maior homogeneidade dos salários e à manutenção de uma expressiva participação de tais custos no total das despesas.

Este é um quadro que apresenta semelhanças e diferenças com o modelo fordista de produção adotado nos países desenvolvidos a partir da Segunda Guerra Mundial, pois ali intensificou-se a produção em massa; foi adotada tecnologia menos exigente, em termos de qualificação, para os trabalhadores de "chão-de-fábrica"; foi ampliada a sindicalização e elevada a remuneração do trabalho, permitindo-se, assim, a ampliação do mercado consumidor e engendrando-se, desta forma, uma maior possibilidade de crescimento auto-sustentado. No caso em questão, a modernização está sendo acompanhada por uma menor exigência de habilidade daqueles trabalhadores; no entanto, essa modernização tende a manifestar um menor índice de sindicalização e rebaixamento dos salários.

Finalmente, observando-se a rotatividade da mão-de-obra, nota-se um maior movimento de vínculos (+ e -) entre os operadores de máquina e

auxiliares de produção. Este movimento está de acordo com o que era de se esperar, uma vez que é nestas categorias onde se encontram os trabalhadores mais facilmente substituíveis, pois os custos com recrutamento, seleção e treinamento aqui são menores. Além do mais, é aqui onde se concentra a maior parte do contingente de empregados das empresas.

Uma outra observação importante é que a taxa de rotatividade da mão-de-obra, para o conjunto como um todo, é menor para os trabalhadores administrativos e de *staff* técnico e de manutenção. É exatamente aqui onde a empresa, normalmente, procura manter um certo quadro fixo de empregados.

Desagregando mais a análise, percebe-se que existem diferenças substanciais entre as empresas maiores e as menores. Enquanto as maiores admitiram mais do que demitiram, as menores demitiram mais. Assim, evidencia-se que as unidades produtivas mais representativas encontravam-se em expansão, enquanto as demais em retração. Portanto, os efeitos dos anos de crise, em 1991, se fizeram sentir nas segundas, e não nas primeiras.

Com isto, mais uma vez, percebe-se que a crise traz como consequência a redução da participação das empresas menores no mercado e ampliação da presença das maiores, intensificando-se o quadro de concentração e oligopolização.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões mais amplas que orientam qualquer análise do setor têxtil é a afirmação segundo a qual ele possui certas características que permitiram a países em desenvolvimento participar do comércio internacional. Tais características podem ser explicitadas em vários aspectos, como a densidade de mão-de-obra inerente ao setor, as tecnologias disponíveis no mercado mundial, a diversidade de escalas de produção eficientes, etc.

Tomando tais características como balizamento, observa-se que a estrutura de custos da indústria têxtil cearense assemelha-se à nacional. Portanto, as vantagens brasileiras e cearenses, em relação a outros países que abastecem o mercado internacional, estão associadas, em parte, aos chamados elementos espúrios da competitividade: baixos salários, subsídios e incentivos. Os custos de energia no Brasil, por exemplo, correspondem aos mais baixos, comparados com os de países como Índia, Alemanha, EUA,

Japão e Coréia do Sul (PROCHNIK, 1989, p. 11)⁽¹³⁾. O custo de capital (juros e depreciação) é o de maior peso tanto a nível nacional quanto estadual.

Para compensar os elevados custos de capital, o Ceará, como parte do Nordeste, **conta** com uma vantagem adicional, qual seja o apoio ao investimento, através de programas dos órgãos de fomento ao desenvolvimento regional. Foi respaldado nisso que o Estado **atraiu** capitais de outras regiões e possibilitou a maior expansão da indústria têxtil local.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a competitividade da indústria têxtil cearense não está somente associada a elementos espúrios. A eficiência produtiva e comercial tem um papel fundamental no poder competitivo das empresas. Várias delas utilizam automação industrial de base microeletrônica e novas técnicas organizacionais, acompanhando, assim, a tendência nacional.

Merece destaque o fato de ter-se iniciado em 1985, no Brasil, um ciclo de investimentos na indústria têxtil que proporcionou a ampliação da participação de equipamentos de geração tecnológica mais moderna. No Ceará, este ciclo de investimentos perdura até o início da década de 90. É interessante evidenciar que a cada conjuntura econômica interna favorável ao referido ciclo é expandida e/ou modernizada a capacidade produtiva da indústria, potencializando sua competitividade no mercado nacional e internacional.

Um dos aspectos relevantes da análise efetuada é que se pode considerar que as maiores empresas constituem o grupo das empresas líderes do setor no Ceará e que seus indicadores apresentam cifras acima da média em todos os itens analisados.

Assim, na busca de manutenção de maiores fatias de mercado nacional e internacional, as empresas líderes dão especial atenção ao binômio produtividade/qualidade. Dessa forma, são praticadas modernas técnicas organizacionais, tais como qualidade total e *just-in-time* interno, esta última visando sobretudo diminuir os estoques intermediários; essas técnicas representam um vínculo de sustentação do poder competitivo daquelas empresas.

Apesar da indústria têxtil cearense ter conseguido ocupar espaço no exterior a um crescimento superior ao brasileiro, seu problema não é tão diferente, e suas perspectivas são no sentido de procurar escoar sua produção mais para o mercado nacional, uma vez que, segundo os próprios empresários, os preços são melhores. Portanto, o ganho em competitividade da

indústria local está a depender de melhorias em preços, o que será obtido com avanços tecnológicos e redução de custos, notadamente da matéria-prima e do capital.

A partir daí, pode-se inferir que as perspectivas de manutenção das *empresas brasileiras e cearenses no mercado nacional* têm suas fragilidades, as quais tendem a se evidenciar na medida em que se forem reduzindo as tarifas que incidem sobre as importações de produtos. Em uma situação como essa, ou as indústrias têxteis nacional e local encontram meios de se tornarem mais competitivas (reduzindo custos ou aumentando a produtividade e a qualidade dos seus produtos), ou deparar-se-ão com uma forte concorrência no próprio mercado nacional.

Nesse caso, como os baixos salários tendem a ser um elemento de menor relevância na competitividade do setor (diga-se bem: competitividade espúria), a difusão tecnológica representa fundamental importância para a competitividade autêntica e não é tão problemática para as empresas líderes.

Um outro aspecto da questão é que as empresas locais se integram verticalmente com as tecelagens nacionais. Percebe-se aí que existe uma segmentação da indústria têxtil (em fiação e tecelagem), onde a fiação é atraída locacionalmente para onde se dispõe de mais incentivos fiscais - que representam um menor custo do capital - e de mão-de-obra mais barata. Já a tecelagem de maior nível competitivo é atraída pelo mercado, vindo neste caso, a se concentrar nas regiões onde se apresenta um maior aglomerado urbano-industrial. Portanto, sua localização é mais predominante no Sudeste e Sul do Brasil, ficando o Nordeste (e em particular o Ceará) responsável pela parte inicial do processo produtivo do complexo têxtil.

Finalmente, as empresas maiores tendem a utilizar técnicas de produção que reduzem a importância da força de trabalho para a grande maioria das funções, o que tende a rebaixar os salários médios e inserir os menores custos de mão-de-obra como fator de competitividade (espúria). Ora, observando-se o avanço tecnológico que se configura nos países desenvolvidos, o futuro promete ser fortemente marcado pela presença de tecnologias flexíveis, que podem ser ajustadas a diferentes tipos de fios e que exigem uma mão-de-obra mais qualificada. Esta perspectiva pode estar próxima da efetivação e as unidades produtivas poderão se ver na contingência de terem que passar a adotar uma nova gestão de recursos humanos. Para tanto, é interessante que haja um maior empenho, para que sejam conhecidas as transfor-

mações que se configuram, a fim de se dimensionarem as novas necessidades de recursos humanos, cursos e treinamento de mão-de-obra, dentre outros fatores.

Abstract: This article summarizes the results of a research concerning the textile industry in the state of Ceará, Brazil. It tries to evaluate the industry's competitive power today as well as its perspectives for the coming years. The analysis was done by using the available official statistical data, interviews and questionnaires with directors of some chosen enterprises. These procedure led us to present a picture that shows the recent situation of the sector, mainly in respect to the technical production conditions, human resources, financial and commercial aspects, as well as its debilities and possibilities of consolidation.

Key Words: Textile Industry; Industrial Competitiveness; Brazil-Northeastern Region-Ceará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ATEM, Suely M. **Indústria têxtil; estrutura de mercado, inovação tecnológica e estratégia empresarial**. São Paulo, 1989. PUC, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mimeografado.
2. CARLEIAL, L.; ROLIM, C. A integração desintegradora; estudo de caso do complexo agroindustrial do algodão no Ceará. In: Encontro Nacional da ANPEC, 19, 1991, Curitiba. **Anais ...** Curitiba: ANPEC, 1991.
3. CONSELHO NACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL. **Estudos para automação, modernização, desenvolvimento tecnológico e ampliação da indústria têxtil brasileira até o ano 2000**; diretrizes para um programa de desenvolvimento tecnológico da indústria têxtil de confecção. Rio de Janeiro : SENAI, 1986.
4. FAJNZYLBBER, F. Competitividade internacional: evolucion y lecciones. **Revista de la CEPAL**, Santiago, n. 36, 1988.
5. GARCIA, O.L. **Análise da indústria brasileira de máquinas e acessórios têxteis**; desenvolvimento tecnológico da indústria e a constituição de um sistema nacional de inovação no Brasil. Campinas : IPT/FECAMP, 1990.
6. HAGUENAUER, L. **Competitividade: conceitos e medidas**; uma resenha de bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. Rio de Janeiro : IEI/UFRJ, 1989. (Texto para discussão, 211)

7. HAGUENAUER, L. **A indústria têxtil: desenvolvimento tecnológico da indústria e a constituição de um sistema nacional de inovação no Brasil**. Campinas : IPT/FECAMP, 1990.
8. INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIA. **Modernização competitiva, democracia e justiça social**. São Paulo, 1992. Mimeografado.
9. INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS. **Programa de atualização tecnológica industrial-têxtil: fiação, tecelagem e confecção**. São Paulo : Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, 1988.
10. KUPFER, David. **Padrões de concorrência e competitividade**. Rio de Janeiro : UFRJ/IEI, 1991. (Texto para discussão, n. 265)
11. MELO, M.C.P. **O bater dos panos; um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil do Maranhão (1940-1960)**. São Luís : Sioge, 1990.
12. PROCHNIK, V.; LISBOA, M. **Perspectiva para o complexo têxtil brasileiro**. Rio de Janeiro, UFRJ/IEI, 1988. Mimeografado.
13. _____. **Política industrial para setores tradicionais; o caso do complexo têxtil brasileiro**. Rio de Janeiro : UFRJ/IEI, 1989. (Texto para discussão, 217)
14. ROSA, Antônio Lisboa; MELO, M. Cristina. **A indústria têxtil cearense: um estudo sobre competitividade**. Fortaleza, FIEC/FINEP, 1994. 166 p.
15. SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE: BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. ETENE. **Relatório da pesquisa sobre o desempenho da indústria incentivada (1988)**. Recife : SUDENE, 1991.

Recebido para publicação em 15.08.94

